



## **DIÁRIO COMO ATO ÉTICO E RESPONSÁVEL NA ESCRITA DE AGRICULTORES**

Vania Grim Thies - UFPel

**Resumo:** Esse trabalho faz parte de uma pesquisa de tese e tem como objetivo principal problematizar a escrita de diários de irmãos agricultores como ato ético e responsável. O suporte teórico e metodológico está ancorado na perspectiva bakhtiniana explorando os conceitos de autoria (autor, autor-pessoa, autor-criador), enunciado, gênero do discurso, entre outros. Os diários serão problematizados como ato ético e responsável que procuram superar o dualismo entre o mundo da vida e o mundo da teoria. O material empírico desse trabalho demonstra que cada um dos três irmãos agricultores exerce sua posição autoral de uma determinada maneira e, assim, o mundo da vida e o mundo da teoria estão em constante interação pelo ato ético e responsável.

**Palavras-chave:** autoria, ato ético, diários, agricultores.

### **Introdução**

O presente trabalho é parte integrante da pesquisa de doutorado e tem como objetivo problematizar a escrita de diários de três irmãos agricultores como ato ético e responsável. O aporte teórico metodológico está ancorado na perspectiva bakhtiniana trazendo para a discussão, principalmente, os conceitos de: autoria (autor, autor-pessoa, autor-criador), enunciado, gênero do discurso, entre outros.

Para que se possa compreender um pouco mais do processo da pesquisa para esse trabalho, é importante que se compreenda também como se constitui a família estudada: a família dos irmãos Schmidt. O pai, com 95 anos, conta que sua família paterna era da Alemanha, o avô era filho de um pastor evangélico e veio daquele país para o Brasil ainda muito pequeno. Os avós maternos eram professores da rede pública do município de Pelotas. O senhor Schmidt nasceu e cresceu na localidade de Santa Áurea (Pelotas/RS), residindo nesta localidade até os dias atuais. Casou-se, (atualmente a esposa já é falecida) e desse matrimônio nasceram doze filhos, sendo seis mulheres e seis homens, dos quais três são autores dos diários

problematizados nesse trabalho: Aldo Schmidt<sup>1</sup> (63 anos), Clemer Schmidt (59 anos) e Clenderci Schmidt (54 anos).

A opção por somente três irmãos deu-se porque eles se mostraram dispostos à participação na pesquisa e disponibilizaram o empréstimo dos diários, ou seja, escolheram-me para que através da pesquisa eu pudesse folhear seus cadernos e divulgar sua prática de escritas de diários no mundo acadêmico e científico. Porém, é necessário dizer que, na casa paterna, a escrita de diários nunca deixou de ser realizada, desde o ano de 1972 quando Aldo inicia a prática, pois, na medida em que os filhos foram saindo da casa do pai, os demais irmãos que permaneciam, davam continuidade a escrita dos diários. Atualmente, as irmãs mais novas que permanecem na casa paterna, realizam os registros, entretanto estes não foram disponibilizados para a pesquisa.

A numerosa família Schmidt, composta de doze irmãos (seis homens e seis mulheres) teve escolarização primária: todos os irmãos foram à escola próxima à localidade onde residiam e estudaram até a 5ª série dos anos iniciais. Não prosseguiram porque as escolas rurais multisseriadas, na época, não tinham além do 5ª série, sendo necessária, para o prosseguimento dos estudos, a saída do campo para a cidade em busca da continuidade da vida escolar. O sistema de transporte escolar que atualmente permite o acesso dos alunos até as escolas mais próximas, tanto no campo como na cidade, teve seu início somente na década de 90, quando todos os irmãos Schmidt já tinham concluído os anos iniciais de escolarização, e trabalhavam na agricultura (muitos já não moravam mais na localidade de Santa Áurea). Assim, Aldo, Clemer e Clenderci, os três irmãos em evidência neste trabalho, permaneceram na lavoura, mas esse fato não significa que deixaram de realizar uma prática cultural: a escrita de diários.

Há algo mais trivial do que escrever que “*Sarita teve um terneiro*”, ou mesmo, “*realizamos o nosso noivado*”? (Clenderci Schmidt, 1982). Registros da escrita de diários de uma família que não são guardados na sua intimidade, mas servem ao contexto coletivo familiar. O presente estudo não é generalizável para o meio rural porque se trata de um caso singular de irmãos agricultores. No entanto, é de extrema importância observar que esses sujeitos têm a preocupação de registrar fatos do cotidiano de um modo muito particular, como aspectos referentes ao clima, lazer, trabalho e acontecimentos da vida comunitária, procurando ordenar os fatos ocorridos durante o dia.

---

<sup>1</sup> A utilização dos nomes e dos dados pessoais contidos neste texto foi negociada, dialogada e autorizada por escrito.

Os acontecimentos inscritos nos diários tratam da vida cotidiana e tem o dialogismo como princípio constitutivo dessa linguagem. Os diários revelam que a autoria, mesmo quando designada apenas a uma pessoa, traz aspectos relacionados ao coletivo da família, portanto, é através da dialogia que a autoria dos diários é realizada. A família é que constitui o conjunto e o diálogo das vozes sociais para que apenas uma pessoa faça a escrita do diário.

Para Bakhtin, a grande força que move o universo das práticas culturais são precisamente as posições socioavaliativas postas numa dinâmica de múltiplas interações responsivas, ou seja, as práticas culturais se movem em uma esfera axiológica frente a posições avaliativas de respostas, a partir de um ponto de vista (FARACO, 2009). Assim, as práticas culturais<sup>2</sup> são legitimadas por aquilo que se impõe como sentimento de maior importância. Da mesma maneira, as práticas legitimadas da escrita ganham força em lugares instituídos, como por exemplo, a escola. As escritas do cotidiano, com é o caso dos diários, ficam “guardados em baús e gavetas”, até que se transformam em cinzas, pois, a princípio, parecem sem importância para a vida humana por que não fazem parte do contexto da escola e/ou da cultura legítima. Segundo Bakhtin/Voloschínov (2009), a escola faz parte da ideologia dos sistemas instituídos (superestruturas) ao passo que as escritas dos diários estão localizados na linguagem que vem das bases, da linguagem do cotidiano (ideologia da infraestrutura).

## **A LINGUAGEM DO COTIDIANO: UMA ESTÉTICA NA/DA VIDA**

No livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (Bakhtin/Volochínov [1929], 2009, p. 71), há o questionamento: “mas o que é a linguagem? O que é a palavra? Não se trata, evidentemente, de formular perfeitas definições destes conceitos de base. Uma tal formulação só poderia mesmo ser realizada no fim e não no início de nossa pesquisa”. Para definir o que é linguagem para o Círculo é preciso recorrer ao conjunto de suas obras, pois se apresenta

---

<sup>2</sup> Bernard Lahire (2006) discute a teoria da legitimidade cultural defendendo que há uma cultura legítima e uma cultura ilegítima. O autor não nega que há hierarquia entre as duas culturas, mas, em sua análise, não foca a desigualdade, apenas procura ver o que constitui as diferenças, ou seja, procura verificar a pluralidade das práticas dos atores sociais, aquilo que constitui suas múltiplas socializações individuais. Segundo Bernard Lahire (2006, p. 39), “o fato de certos produtos culturais e certas atividades culturais disporem de poderosos meios de imposição de sua legitimidade é que possibilita que ela seja amplamente reconhecida”. Para o caso descrito aqui, mesmo que o estudo esteja situado fora do contexto escolar, a “sociologia da crença” foi instituída pelo ambiente escolar. A escola é uma instituição que leva os indivíduos a pensar na sua legitimidade social através dos meios de imposição (sistema de obrigatoriedade, avaliação, livros didáticos, práticas, ou seja, a cultural material escolar, entre outros elementos) sendo reconhecida mesmo por aqueles que não formaram o hábito, mas, julgam que ela é importante, pois criaram a disposição para crer (julgamento de que é importante).

como um conceito complexo: “um conjunto de práticas socioculturais (...) e estão atravessadas por diferentes posições avaliativas sociais” (FARACO, 2009, p. 120) e, ainda, “a realidade fundamental da linguagem é o fenômeno social da interação verbal”.

Na perspectiva bakhtiniana, a interação verbal é entendida como toda a complexidade da atividade humana, ou seja, há uma natureza dialógica na própria vida humana “que penetra toda a linguagem humana e todas as relações e manifestações da vida humana” (BAKHTIN, [1929] 2010, p. 47) e, ainda, “viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos” (p. 329). Assim, o que importa é a mensagem, seja ela através do signo verbal ou não verbal porque o signo já é por si só a enunciação completa. Mesmo se tivermos apenas uma palavra, teremos o emissor, o interlocutor e o contexto, e, o diálogo ocorrerá.

O diálogo acontecerá porque as palavras não são somente minhas, mas, são criadas na interação com a(s) outra(s) pessoa(s), seja através da expressão do seu rosto (concordando ou discordando), da fala, de um gesto, do silêncio, do grito, etc., assim exprimem sentido e importância. Portanto, o dialogismo é um princípio constitutivo da linguagem: eu me constituo através do outro, na interação com o outro. Conforme Bakhtin ([1929] 2010, p. 209):

A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem. Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas.

As relações dialógicas são constituídas pelo outro diferente de mim (não o desigual), mas, somente eu sou responsável pelos meus atos porque são únicos e irrepetíveis, porém, são constituídos através da interação social. É na relação com o outro que eu respondo e me sinto convocado a pensar sobre o mundo, dando-lhe significado, pensando sobre os acontecimentos e atribuindo-lhe valor. É através do ato de pensar que o mundo se transforma em signos e ganha, também, significado, pois, o mundo passa a ser visto sob diferentes pontos de vista.

Para que o mundo possa transformar-se em signo é preciso pensar na materialidade dos seus objetos. Pensando no mundo material, é possível chegar à materialidade sócio-histórica das pessoas (por exemplo, no cotidiano) e dessa forma, dar a minha posição de valor sobre a vida delas. Em termos mais concretos, podemos exemplificar como o mundo se transforma em signos através dos diários dos agricultores, objetos de estudo desse trabalho: os diários são um objeto material do mundo dos agricultores, a materialidade sócio-histórica, o

viver do seu cotidiano faz parte desse mundo e está expresso nos diários. A significação, a maneira que os agricultores, autores dos diários vêem “o seu mundo” e lhe atribuem valores transformam-se em signos através do ato de pensar, através do ato de valorar os acontecimentos. Na medida em que os autores dos diários escrevem, significam seu mundo, mostram também uma determinada visão sobre ele, anunciam e inscrevem suas vidas. O ato de pensar põe o autor do enunciado como construtor do seu próprio mundo através dos signos que representam e o organizam.

O signo também é a expressão das contradições de classe e, portanto, o signo reflete e refrata uma dada realidade. Refratar significa que não só se descreve o mundo, mas, também se constrói diferentes interpretações (refrações) desse mundo. Assim, diferentes classes criam diferentes interpretações e descrições do mundo e, por isso, “o signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes” (Bakhtin/Volochínov, [1929] 2009, p. 47) e, portanto, é nessa “arena” que estão imbricadas as relações entre as infraestruturas e as superestruturas, através da linguagem do cotidiano e das relações entre as bases (a infraestrutura) e os lugares instituídos (superestruturas) como, por exemplo, a política, a igreja entre outros. Bakhtin/Volochínov ([1929] 2009, p. 31) reforça que “sem signos não existe ideologia”, e, portanto é importante ressaltar que ideologia para o Círculo não tem sentido restrito, mas, ao contrário, engloba o universo da arte, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a políticas (FARACO, 2009), ou seja, são as diferentes formas de cultura como, por exemplo, os sistemas superestruturais bem como os sistemas que não são considerados oficiais. Segundo Bakhtin/Volochínov ([1929] 2009, p. 67):

Cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória. A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais.

Nesse sentido o enunciado tem sempre um destinatário e a palavra carrega em si, as forças sociais em disputa. Nos diários analisados nesse trabalho a interação entre diferentes ideologias está presente de forma explícita e é através da palavra enquanto signo ideológico que se pode perceber essas relações, conforme o exemplo no excerto abaixo:

Dia 15 eu retoquei o discado no canal com os bois e a mãe capinou vassoura no cerro depois fomos votar para Prefeito no 2º turno depois eu gradiei nos coqueiros e a mãe e o Enoir capinaram vassoura no cerro, de tarde eu e o Enoir botemos o azevém na horta depois eu gradiei no coqueiro a mãe capinou milho nas Pocãs e o Enoir roçou de trator na horta (Aldo Schmidt, Diário nº 7, novembro 1996).

15 de novembro quarta tempo bom de manhã entre 6 plantaram soja terminando o campo o pai a mãe a Cleci e a Clenair foram votar o Cleber levou eles com o caminhão de tarde o Cleber o Clenderci e o Cledinei e o Clemer foram votar. (Clemer Schmidt, 3º Caderno,1978).

Na mesma escrita do dia, está presente o trabalho realizado pela família e a participação na votação municipal, ou seja, o enunciado traz o cotidiano diário do trabalhador rural e a relação com as ideologias instituídas, nesse caso, a política. Esse fato significa que as relações entre a infraestrutura e a superestrutura são dialógicas nos mais diversos aspectos da vida cotidiana, mediadas através dos signos verbais. Sempre há um ponto de contato entre o autor do enunciado e o mundo, ou seja, há fios ideológicos que se ligam o tempo inteiro. Além disso, cada grupo social tem seu repertório específico de temas para o discurso socioideológico (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV [1929] 2009), ou seja, a forma do signo será condicionada pela organização social de tal grupo de indivíduos.

Para o caso dos diários dos irmãos a vida cotidiana é o tema dos agricultores evidenciada através da palavra que expressa as relações do cotidiano rural no contexto em que vivem, conforme afirma Bakhtin/Volochínov ([1929] 2009, p. 42):

A palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios.

Dessa forma é possível perceber que os diários trazem a expressão da vida através de uma linguagem do cotidiano que nos remete ao singular, efêmero, ao trivial e ao mundo da vida do cotidiano rural, ou seja, “a palavra é o modo mais puro e sensível de relação social” (Bakhtin/Volochínov, [1929] 2009, p. 36), ou ainda, “o material privilegiado da comunicação na vida cotidiana é a palavra” (p. 37). A palavra manifesta “os diferentes modos de discurso, sejam eles interiores ou exteriores” (p. 43), “a palavra como material semiótico da vida interior, da consciência (discurso interior)” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV ([1929] 2009, p. 37) que é material flexível e veiculável pelo corpo.

## **DIÁRIOS COMO ATO ÉTICO E RESPONSÁVEL/RESPONSIVO**

Bakhtin ([1919/20] 2010), sempre prezou pelo vínculo entre o mundo da cultura e o mundo da vida e desprezou a oposição radical que procurava separar a linguagem poética e a linguagem cotidiana e, assim, a arte da vida. A linguagem é, assim como a arte, uma forma de

expressão e, segundo Bakhtin, não precisamos separá-la da vida, mas entendê-la como uma forma de compreender e apreender a vida, ou seja, a linguagem como arte **na** vida e a arte **da** vida tal como aparece nos diários problematizados na pesquisa. A interação entre o mundo da cultura e o mundo da vida se dá pelo ato (ético e responsável) que supera a dualidade entre os dois mundos:

Cada um de meus pensamentos, com o seu conteúdo, é um ato singular responsável meu; é um dos atos de que se compõe a minha vida singular inteira como agir ininterrupto, porque a vida inteira na sua totalidade pode ser considerada como uma espécie de ato complexo; eu ajo com toda a minha vida, e cada ato singular e cada experiência que vivo são um momento do meu viver-agir (BAKHTIN [1919/20] 2010, p. 44)

É pelo ato que a vida se torna objeto da estética. Quem se responsabiliza pelo ato é o seu autor: o autor-pessoa (elemento do acontecimento ético e social da vida), mas, quem materializa o objeto estético é autor-criador. O autor-criador apropria-se da linguagem dando-lhe uma forma arquitetônica, influenciado pelos elementos do mundo social, histórico e cultural. Nesse sentido, a estética diz respeito ao projeto arquitetônico do autor-criador motivado pela sua posição axiológica que se concretiza em um determinado material. A estética trata-se da maneira como o autor organiza suas idéias e ações no seu discurso em permanente interação com o outro.

O ato é minha responsabilidade pelo fato do meu não-álibi no existir, ou seja, eu sou responsável pelos meus atos e não tenho desculpas para não assumi-los, ou seja, “cada pessoa ocupa um lugar singular e irrepitível, cada existir é único” (BAKHTIN, [1919/20] 2010, p. 96/97). Assim, o ato é ético porque só eu posso pensar aquilo que penso, meu lugar no mundo é único. Também é um ato responsável porque eu o assino e me responsabilizo por aquilo que penso.

Se a interação entre o mundo da teoria e o mundo da vida só é possível através do ato (ético e responsável), é possível afirmar que é nos diários (como ato) que os irmãos agricultores realizam a interação entre os dois mundos: da teoria e da vida. O ato de enunciar o cotidiano - através dos registros manuscritos que trazem os acontecimentos da vida do lugar, o trabalho, a rotina da agricultura familiar, os aspectos do clima e do lazer - molda uma estética da vida, ou seja, o autor molda um projeto arquitetônico de sua vida.

O homem tem a necessidade estética do outro para que seu discurso possa ser estruturado. A linguagem é um ponto de ligação entre o “eu” e o “outro” e no qual o acabamento do outro é importante, não como finalização, mas como um acabamento estético

que o outro lhe dá, que o outro constitui no seu discurso. Essa é a relação de alteridade na qual os indivíduos se constituem e, ao se constituir também se alteram, ou seja, constituir-se é alterar-se.

O ato de enunciar o cotidiano é único e irrepetível mesmo que o tema da escrita seja o mesmo, cada autor escreve de acordo com a sua posição axiológica, de acordo com a sua visão de mundo e com seus valores, por isso, o sujeito é responsável por aquilo que pensa, por aquilo que faz. Segundo Bakhtin ([1919/20] 2010, p. 94):

Não é o conteúdo da obrigação escrita que me obriga, mas a minha assinatura colocada no final, o fato de eu ter, uma vez, reconhecido e subscrito tal obrigação. E no momento da assinatura, não é o conteúdo deste ato que me obrigou a assinar, já que tal conteúdo sozinho não poderia me forçar ao ato – a assinatura-reconhecimento, mas podia somente em correlação com a minha decisão de assumir a obrigação – executando o ato da assinatura-reconhecimento; e mesmo neste ato o aspecto conteudístico não era mais que um momento, e o que foi decisivo foi o reconhecimento que efetivamente ocorreu, a afirmação – o ato responsável, etc.

Nesse sentido, o ato não é apenas responsável, mas, também é responsivo: o outro me convoca a pensar e, por isso, meu ato não é só ético, mas, é também um ato estético porque supõe um acabamento (não uma finalização) entre o eu e o outro. O outro me convoca a dizer o meu pensamento e a assumi-lo com minha assinatura responsável.

## **ANALISANDO O ATO ATRAVÉS DOS DIÁRIOS**

Os diários como ato têm autores: os agricultores de uma mesma família, trazendo com seus registros diários, a complexidade da vida humana anunciada “como um conjunto de sentidos” (BAKHTIN [1979] 2010, p. 329). São, portanto, enunciados considerados com sentido porque inscrevem a vida, e não apenas tratam a/da vida como elemento estático. São registros manuscritos que trazem acontecimentos da vida do lugar, o trabalho e a rotina da agricultura familiar, os aspectos do clima e do lazer que, articulados entre si, moldam uma estética da vida.

A dinâmica de escritas se define do seguinte modo: entre 1972 e 1974, somente Aldo, solteiro e morando na casa paterna, escreve; portanto o diário de Aldo solteiro. Em 1975, além da escrita de Aldo, surge a escrita de Clemer, que começa escrever diários também, de forma que, nos anos 75 e 76, há uma escrita concomitante dos irmãos na casa; cada um, porém, escreve o “seu” diário. Em 1976, Aldo se casou, constitui a sua família e continua escrevendo diários com a “nova” família. Clemer, ainda solteiro, continua escrevendo na casa do pai até 1979, quando se

casou e para de escrever, deixando seus diários na casa do pai para que os demais irmãos seguissem realizando essa prática. Clenderci acompanha a escrita coletiva dos diários na casa paterna. Quando se casa, em 1982, e constitui nova família, também dá início às próprias escritas de diários.

### **DIÁRIOS DE ALDO:**

Aldo foi o precursor da escrita de diários na família Schmidt e continuou escrevendo após seu casamento. No conjunto de diários, estão 11 cadernos escritos, totalizando 38 anos de escritas, sem deixar o registro de um dia sequer. Todos os diários foram escritos em cadernos de formato pequeno (14,5 x 20,5 cm), com diferentes capas. Os três primeiros foram encapados com papel colorido e plástico transparente, dando o aspecto de cuidado.

Nas folhas internas não há espaços entre as linhas, as linhas são preenchidas, dia-a-dia, sem espaçamentos, com uma caligrafia legível. A caneta é de uma só cor, o dia é escrito com o algarismo (escrito na margem do caderno) sem o dia da semana, exceto no domingo, que aparece para diferenciar dos demais dias da semana, o registro de cada novo ano é destacado no alto da página.

Aldo denomina seus onze cadernos como Diários. A cada novo caderno é escrito na capa o número referente ao diário juntamente com o ano a que se refere (exemplo: Diário nº 8 - 1997), com exceção dos três primeiros cadernos nos quais há somente o número do diário (exemplo: Diário nº 3). Aldo dá início às escritas no Diário nº 1 no dia em que comemora seu aniversário, os “25 verões”, no dia 5 de julho de 1972, fazendo uma rememoração de seu período de infância e adolescência ocupando nove páginas do seu primeiro diário. Relembra a fratura da perna durante uma brincadeira com um dos irmãos, a primeira vez que foi a escola: “no dia 5 de março de 1955 pela primeira vez me arrumava para ir para a aula”, a primeira professora, as notas escolares do curso primário com precisão, a compra do primeiro rádio da família quando pode escutar as partidas de futebol na copa do mundo de 1962: “quando o Brasil foi bi-campeão”, a construção da casa de alvenaria, a primeira bicicleta, o período em que freqüentou o quartel e os colegas de pelotão, as primeiras namoradas e bailes freqüentados: “no dia 8 do mês de maio de 1966 fui ao 1º baile no Salão Bosembecker”, a inserção como membro da comunidade religiosa, a primeira visita na casa da namorada Nair Belletti: “pela 1ª vez chegava a sua residência para lhe visitar”.

A partir do dia 5 de julho de 1972 foi iniciado este diário, que segue aos 25 anos de idade. Os 25 verões que já passei ficaram tão distante mas ainda me lembro dos principais fatos: à iniciar por minha infância por volta do 20 mês de agosto

do ano de 1953 pela primeira vez suporitei uma fratura quando fraturei a perna brincando de bonde numas conjuntas que meu pai estendia: foi um choque com meu irmão Cleber caímos e não levantei: pela 1ª vez era transportado para um hospital, por meu pai, fui internado na Beneficência Portuguesa, sendo minha madrinha tia Amália que me cuidou no hospital. Tirando uns 5 dias baixado voltei para casa com a perna injeçada ficando quase um mês sem poder caminhar, depois de desengçada a perna voltei a vida normal. [...]

Depois dessa lembrança, Aldo passa a escrever dia após dia enunciados que não ultrapassam cinco linhas do caderno. Geralmente, o enunciado do dia diz respeito aos acontecimentos com destaque para o trabalho e para o clima. Nos finais de semana, o destaque são as festas na comunidade, a ida à igreja, a visita à casa de parentes. No entanto, há alguns outros fatos nos quais Aldo descreve com exclusividade as horas e minutos ocupando mais de uma folha do diário, como é o caso do seu casamento e do nascimento do seu primeiro filho.

Depois dessa lembrança, Aldo passa a escrever dia após dia enunciados que não ultrapassam cinco linhas do caderno. Geralmente, o enunciado do dia diz respeito aos acontecimentos com destaque para o trabalho e para o clima. Nos finais de semana, o destaque são as festas na comunidade, a ida à igreja, a visita à casa de parentes. No entanto, há alguns fatos importantes nos quais Aldo descreve com exclusividade as horas e minutos ocupando mais de uma folha do diário, como é o caso do seu casamento:

Dia 29 levantamos às 4,30 h. sob forte garua, demos os últimos retoques para o nosso dia, às 7h fui me mudar e as 8,30 h. saímos eu e a minha noiva para o cartório na condução de Lindolfo Bachini, chegando no cartório 9h. e as 9.15h. nós nos casamos sendo os meus testemunhos Lindolfo Bachini e Daizi Schiller Bachini: e da Nair, Vitor Casari e Darli Romano Casari; sendo que as 10h. saímos do cartório casados passando a partir desta hora a fazer parte de minha\_vida e entrando no nosso diário: chegamos em casa de Ernesto Belleti 11h. e almoçamos e as 11,30h. a Nair foi se vestir de noiva para o ato religioso, saímos para a Igreja as 12:30h. chegando na paróquia Divino Salvador as 13.30h. e as 13,45 eu entrava na nave da Igreja onde esperei ela que entrou as 13,50h. e as 14,15 estávamos casados perante Deus sendo nossos padrinhos Clovis Schmidt e esposa, Elmar Veiga e esposa (do meu lado) e José Melo e esposa e Flavio Schiller e esposa (do lado dela) e sendo a nossa aia a garotinha Vânia Mayer Schmidt, após recebemos as felicitações às 14,30h. retornamos para o restante das festividades chegando às 15,00h. daí até as 19,30h. quando iniciamos a reunir os nossos presentes, e as 20,45h. despedimos-nos de nossos familiares e saímos no caminhão de

Henrique P. Schmidt em direção a nossa casinha, chegando em casa às 22h. abrimos a porta de nosso lar nesta hora.

Aldo Kohls Schmidt

Nair Belletti Schmidt

(Aldo Schmidt, Diário nº 2, maio de 1976).

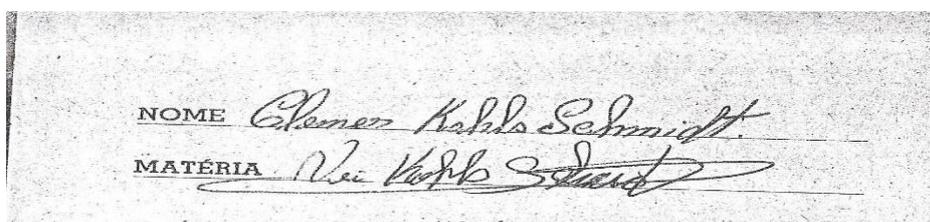
Poderia se dizer que estes fatos indicam um ritual de passagem, que pode ser percebido pelo início de sua escrita, através da rememoração da infância e adolescência, marcando o começo de uma nova fase em sua vida adulta. Da mesma forma, o casamento indica a formação de uma nova família, portanto, de uma nova fase da sua vida.

A assinatura da esposa indica que há a “permissão” e o seu consentimento para que Aldo continuasse dedicando-se alguns minutos do seu dia para a escrita do diário. A assinatura também revela que o sujeito se arrisca e se revela por inteiro (AMORIM, 2009) assumindo a responsabilidade do ato.

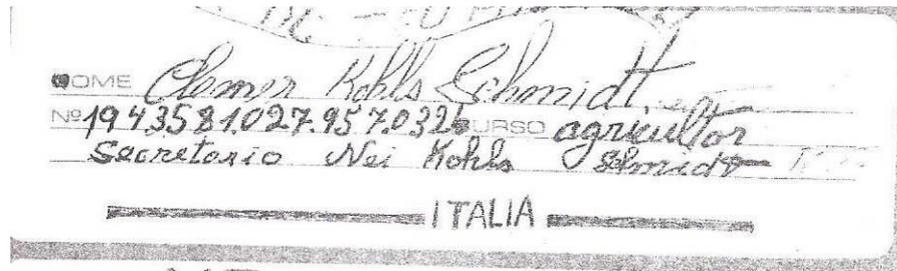
### DIÁRIOS DE CLEMER:

A escrita de Clemer era realizada em cadernos escolares, de formato pequeno, com caneta esferográfica azul ou preta. Desde a primeira folha, as linhas eram preenchidas, sem espaçamentos entre um dia e outro. A cada novo dia aparece(m) o(s) algarismo(s), o mês e o dia da semana, seguido dos acontecimentos referentes àquela data. O novo ano é colocado em evidência no alto da página. Clemer denomina seus registros de “cadernos”. Cabe ressaltar que Clemer foi era o responsável pela escrita diária e coletiva da família.

As folhas internas da capa (folha de rosto) foram assinadas por Clemer e por um de seus irmãos, provavelmente o irmão com quem compartilhava mais freqüentemente a escrita dos cadernos. A escrita como ato responsável é reforçada aqui pelas assinaturas, demonstrando a coletividade dessa prática, conforme é possível perceber nos excertos a seguir:

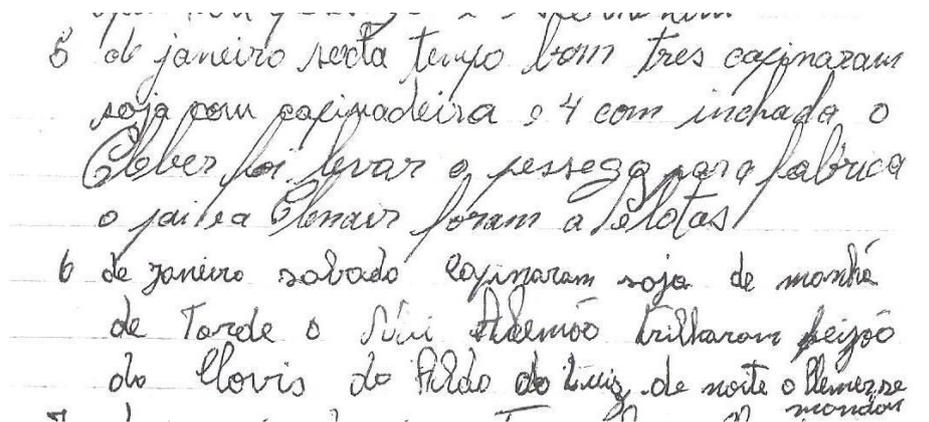


**Figura nº 01:** Assinatura do autor (Caderno de Clemer Schmidt)



**Figura nº 02:** Assinatura do autor (Caderno de Clemer Schmidt)

A coletividade na escrita também pode ser percebida pela caligrafia que é diferenciada em alguns dos dias, conforme se pode observar na escrita do dia 5 e 6 de janeiro de 1979 (conforme excerto a seguir). O material indica que cada um dos dias foi escrito por diferentes autores.



**Figura nº 03:** Janeiro de 1979 (Caderno de Clemer Schmidt)

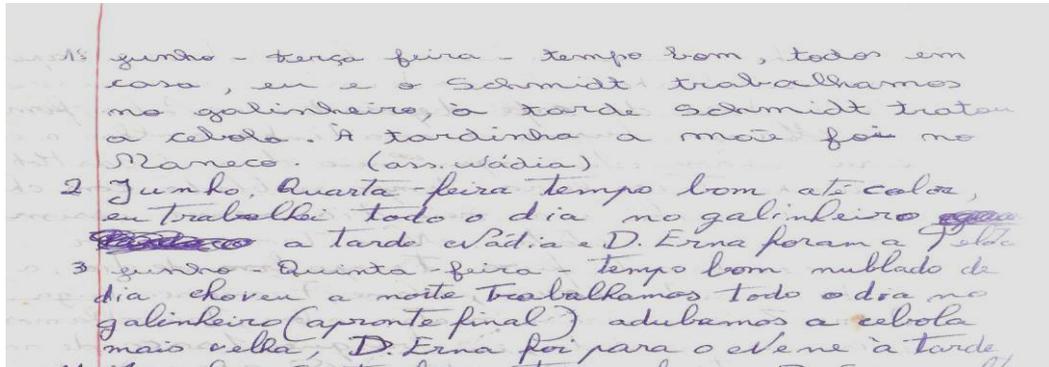
O excerto nos faz refletir sobre dois conceitos presentes na teoria bakhtiniana: responsabilidade e ética. Cada um dos autores é responsável pelo seu ato, é responsável por dar a sequência aos dias da escrita partindo do lugar de onde o outro autor parou. O ato responsável é a exigência de olhar para os acontecimentos do mundo (do dia) e dizer como vê esse mundo. Assim, cada autor, em cada escrita do dia, diz, a sua maneira como está interpretando esse mundo. Portanto, temos na linguagem o ponto de ligação entre os irmãos e o lugar do encontro ético entre eles: um conduz o outro e assim, os dois se constituem. Um autor responde ao outro, um autor completa o outro e, por isso, a responsividade também pode ser acrescentada como um terceiro conceito a ser pensado para a escrita coletiva dos irmãos.

## DIÁRIOS DE CLENERCI:

Clenderci, assim como o irmão Clemar, nomeia seus registros como “cadernos” (Caderno 2, Caderno 3, etc.), porém, apenas na capa do primeiro caderno há a expressão “Diário do dia a dia”. Em especial no caderno nº 1, no ano de 1982 todos os registros do ano estão em caneta esferográfica azul. Mas, na seqüência, as cores utilizadas nas escritas costumam ser as seguintes: o dia, mês e dia da semana são escritos com caneta esferográfica vermelha (na maioria dos dias). O restante do registro do dia está em caneta azul, mas alguns registros referentes aos domingos estão na sua totalidade em vermelho. Não há espaço em branco entre as linhas.

As assinaturas também estão presentes nos cadernos de Clenderci. Somente no primeiro ano do caderno 1 (1982), na maioria dos dias, Clenderci assina ao final de cada escrita como “Kohls” (seu sobrenome materno). A partir do dia 1º de julho deste mesmo ano (1982), ele passa da assinatura de “Kohls” para a assinatura de “Schmidt” (seu sobrenome paterno). O fato é que o uso das assinaturas ao final do relato está presente somente no ano de 1982, mas, não é a totalidade de déias assinados, em alguns não há nenhuma assinatura.

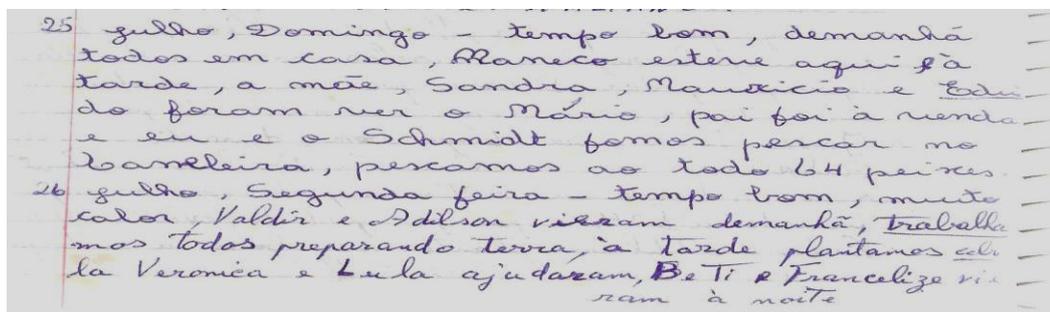
Nota-se pela caligrafia que há dias em que sua esposa é quem realiza a escrita e faz a assinatura ao final da escrita.



**Figura nº 4:** Excerto do caderno nº 1, Clenderci Schmidt, 1982

Retomo novamente a importância do ato único responsável e irrepetível, como é o caso do enunciado escrito pela esposa de Clenderci. Esse ato único e irrepetível também é ético porque a esposa se apresenta sob um “não-álibi” para realizar a escrita, ou seja, não há desculpas para que ela não o faça ou não assuma seu fazer. Conforme Bakhtin ([1919/20] 2010, p. 94), “não é o conteúdo da obrigação escrita que me obriga, mas a minha assinatura colocada no final, o fato de eu ter, uma vez, reconhecido e subscrito tal obrigação”. Um ato ético e responsável é também um processo de responder, está sempre respondendo ao outro, demanda que se complete o que o outro falou.

Outro ponto importante de ser observado nos cadernos de Clenderci é a alteridade presente no processo de autoria. Vejamos o excerto a seguir no qual a esposa é quem escreve o início do enunciado (do dia 26 de julho) e Clenderci continua:



**Figura nº 05:** Caderno nº 1, Clenderci Schmidt, julho 1982

Mesmo que não haja as assinaturas, é possível perceber através da caligrafia que a escrita do dia 25 de julho foi realizada pela esposa e apenas o início da escrita do dia 26 de julho. A esposa faz a identificação do clima “Segunda-feira – tempo bom, muito calor” e Clenderci (com a caligrafia mais “apressada”) completa o enunciado “Valdir e Adilson vieram demanhã, trabalhamos todos preparando terra, á tarde plantamos cebola Verônica e Lula ajudaram, Beti e Francelize vieram à noite” (Caderno nº 1, Clenderci Schmidt, julho 1982). O processo de alteridade, o eu que se completa com o outro, se faz presente nesse ato. Um completa o outro através do enunciado, ou seja, um responde ao outro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever diários há mais de trinta anos, como é o caso de um dos agricultores, não é uma prática comum, portanto, esse trabalho não é generalizável para todo contexto rural. Cada autor, com seu ato ético e responsável, demonstra a importância da linguagem do cotidiano exercendo a sua posição autoral de uma determinada maneira, mesmo que alguns aspectos das escritas dos três autores se aproximem. Além disso, os três irmãos agricultores são autores na vida/da vida conforme explicitado em seus diários, portanto, o mundo da teoria e o mundo da vida estão em constante interação através do ato da escrita.

Um estudo desta natureza traz contribuições à Educação quando pensamos como as questões de autoria e da linguagem do cotidiano se fazem presentes na escola: escrever um bilhete para o colega, uma carta para a professora ou mesmo manter um diário na escola são práticas de escrita não valorizadas da mesma forma que uma produção de texto solicitada pelo professor. Temos ensinado o aluno a escrever textos escolares ou textos que fazem parte da

vida (real/vivida)? Lembrando, sobretudo que a educação não se faz presente somente dentro da escola, mas, está em constante dinamismo com as diferentes culturas do cotidiano e, portanto, extrapola os muros escolares.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

AMORIM, Marília. Para uma filosofia do ato: “válido e inserido no contexto”. IN: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2009.

BAKHTIN, Mikhail M. **Para uma filosofia do Ato Responsável**. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, [1919/20] 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética em Dostoiéski**. Tradução Paulo Bezerra. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1929] 2010.

BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHÍNOV, V. N.). **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13ª Ed. São Paulo: Editora HUCITEC, [1929] 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 5ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, [1979] 2010.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo: as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

LAHIRE, Bernard, **A Cultura dos Indivíduos**. Porto Alegre: Artmed, 2006.